

A RELAÇÃO LÍQUIDAS/GLIDES NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM
À LUZ DE TEORIAS FONOLÓGICAS

Jael Sanera Sigales GONÇALVES (Universidade Católica de Pelotas)
Clarissa Diassul da Silva REDMER (Universidade Católica de Pelotas)
Liliane Goulart RICHARDT (Universidade Católica de Pelotas)
Susan Neugebauer RIET (Universidade Católica de Pelotas)
Valéria Gouvea da COSTA (Universidade Católica de Pelotas)
Carmen Lúcia Barreto MATZENAUER (Universidade Católica de Pelotas)

ABSTRACT: This paper refers to the study about the relation liquids/glides revealed in the semivocalization process of the four “liquids” of the Brazilian Portuguese - /l/, /ʎ/, /r/ e /R/. This research aims to check if the motivation for this process during the language acquisition is syllabic or segmental.

KEYWORDS: *phonology; language acquisition; liquid's semivocalization.*

0. Introdução e bases teóricas da pesquisa

Durante o processo de aquisição da linguagem, um dos fatos que chama a atenção de lingüistas e de familiares das crianças é a integração gradual, ao sistema infantil, dos segmentos – consonantais e vocálicos – que constituem a fonologia da língua-alvo. E essa aquisição gradual de fonemas sofre a interferência de diferentes variáveis, entre as quais estão, dentre muitas outras, as listadas em (1).

- (1)
- (a) a classe fonológica a que pertence o segmento,
 - (b) a estrutura interna do segmento e
 - (c) a posição que o segmento pode ocupar na estrutura da sílaba.

Com relação à primeira variável aqui citada – a classe fonológica a que pertence o segmento –, a literatura sobre a aquisição da fonologia de diferentes línguas tem mostrado que, até o domínio de um fonema pela criança, em seu lugar ou aparece um zero fonético ou é empregado um segmento que integra a mesma classe natural. Isso quer dizer que plosivas tendem a ser empregadas em lugar de outras plosivas, ou obstruintes tendem a ser empregadas em lugar de outras obstruintes, ou nasais tendem a ser empregadas em lugar de outras nasais, ou líquidas tendem a ser empregadas em lugar de outras líquidas, ou semivogais (ou glides) tendem a ser empregadas em lugar de líquidas, por exemplo. Os casos mostrados em (2) demonstram tal fato. Esse fenômeno ocorre porque as fonologias das línguas funcionam com base em classes naturais de segmentos, o que implica que regras fonológicas são sempre aplicadas a classes de fonemas e, não, a fonemas considerados isoladamente.

(2)

	Forma fonética alvo	Forma fonética da criança
<i>casa</i>	[ˈkazə]	[ˈtazə]
<i>sala</i>	[ˈsalə]	[ˈtalə]
<i>palhaço</i>	[paˈʎasu]	[paˈlasu]
<i>barata</i>	[baˈratə]	[baˈjatə]

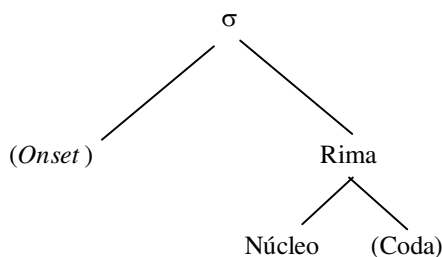
Em se tratando da variável referida em (b) – a estrutura interna do segmento –, as pesquisas têm mostrado que os segmentos são o resultado da coocorrência de unidades fonológicas menores – os traços

distintivos – e que algumas coocorrências de traços têm maior complexidade do que outras. Em função disso, alguns segmentos emergem mais precocemente do que outros no processo de aquisição da fonologia das línguas. Os estudos fonológicos têm evidenciado, por exemplo, que a coocorrência de traços [-soante, -contínuo] é menos complexa do que a coocorrência [-soante, +contínuo] e, por isso, há a tendência à aquisição de plosivas antes de fricativas; também há evidências de que a coocorrência [+soante, +lateral] é menos complexa do que a coocorrência [+soante, -lateral] e, por isso, há a tendência à aquisição de líquida lateral /l/ antes da líquida não-lateral /r/. Essa complexidade causada pela coocorrência de traços subjaz ao fato de que há um ordenamento na aquisição dos segmentos que integram o sistema fonológico da língua-alvo.

É importante observar que o comportamento da estrutura interna do segmento como variável que interfere na aquisição da fonologia da criança tem relação direta com a variável (a), ou seja, a complexidade da coocorrência de traços, que causa a aquisição tardia de alguns segmentos da língua, faz com que outros segmentos sejam empregados em seu lugar e, quando isso acontece, esses segmentos ‘substitutos’ pertencem à mesma classe fonológica do segmento-alvo, ainda não dominado pela criança.

Quanto à terceira variável aqui referida – a posição que o segmento pode ocupar na estrutura da sílaba –, essa interfere na aquisição dos segmentos pelas crianças porque também há um gradual domínio dos constituintes que integram as sílabas da língua. Para o entendimento de tal fato, é relevante lembrarmos os constituintes que formam as sílabas das línguas do mundo, os quais são três: *onset*, núcleo e coda. Considerando a sílaba no Português Brasileiro (PB), salientam Câmara Jr. (1972) e Collischonn (1999) que o único constituinte obrigatório é o núcleo. Representamos tal fato em (3), em que os constituintes opcionais aparecem entre parênteses, seguindo a proposta de Selkirk (1982).

(3) Estrutura interna da sílaba (Selkirk, 1982)



Se a estrutura silábica considerada universal é CV – *onset* + núcleo –, é pressuposto que esse tenderá a ser o primeiro tipo silábico a ser adquirido pela criança e, também, que consoantes em posição de *onset* silábico tenderão a emergir em estágio precedente à posição de coda silábica. Os dados de Fábio, com a idade de 2:1 (anos: meses), referenda essa afirmação: o sistema fonológico de Fábio apresenta o fonema /s/ em posição de *onset* de sílaba (exemplos de (4a)), mas não em posição de coda de sílaba (exemplos de (4b)).

(4)

(a)

sapato [sa'patu]
sofá [so'fã]
cabeça [ka'besə]

(b)

este ['etʃi]
estrela [i'tejə]
lápiz ['lapi]

Considerando as três variáveis condicionadoras da aquisição da fonologia aqui citadas e a referência, na literatura sobre o desenvolvimento fonológico em crianças brasileiras, da emergência tardia de consoantes líquidas e do emprego de glides (semivogais) em seu lugar, o objetivo do presente trabalho foi o estudo do processo de semivocalização das quatro líquidas que integram o sistema do PB – /l/, /r/, /ʎ/ e /R/ –

e a discussão da motivação do emprego desse processo. Exemplos de semivocalização de líquidas encontrados no *corpus* deste estudo aparecem em (5).

(5)

/l/

bola – [ˈbɔjə]

escola – [isˈkɔjə]

bolacha- [boˈjaʃə]

laranja – [jaˈjɔnzə]

lá – [ˈwa]

/r/

dura – [ˈdujə]

dinheiro – [dʒiˈnejɐ]

cadeira - [kaˈdejə]

mamadeira – [mamaˈdejə]

carteira – [karˈtejə]

/ʎ/

espelho- [ˈpeju]

colher – [koˈje]

toalha - [toaˈjə]

coelho- [kwˈeju]

palhaço – [paˈjasu]

/R/

correndo- [koˈjendu]

carro- [kaˈwo]

terra- [tejə]

roda- [ˈwɔdɔ]

carro- [kaˈju]

Para o presente estudo, consideraram-se dois aspectos significativos mostrados em (6):

(6)

- as consoantes líquidas estão entre as últimas a serem adquiridas por crianças em processo de aquisição de qualquer língua natural (a literatura da área tem sido unânime nesse ponto),
- as consoantes líquidas têm freqüentemente o emprego de glides em seu lugar, no processo de aquisição de diferentes línguas,

A partir dessas constatações, cinco questões, que estão apresentadas em (7), nortearam a presente pesquisa:

(7)

- (a) o processo de semivocalização, ou seja, o emprego de um glide em lugar de uma líquida, ocorre no processo de aquisição da fonologia do PB?
- (b) às quatro líquidas que integram a fonologia do PB é aplicado o processo de semivocalização durante o processo de aquisição da fonologia da língua?
- (c) os dois glides – [j] e [w] – são empregados em lugar de líquidas durante o processo de aquisição da fonologia por crianças brasileiras?
- (d) o tipo de *onset* ocupado pela consoante líquida – *onset* absoluto ou medial – condiciona o emprego de glides em seu lugar?
- (e) o emprego de glides em lugar de consoantes líquidas na fonologia de crianças em fase de aquisição do Português Brasileiro é devida a razões silábicas ou segmentais?

1. Aspectos metodológicos da pesquisa

Para a realização desta pesquisa, reunimos dados de 94 crianças brasileiras com idade entre 1:3 e 2:6 (anos: meses) do Banco de dados AQUIFONO, existente na Universidade Católica de Pelotas (UCPEL) e na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). As crianças foram divididas em 13 faixas etárias (FE). As crianças até a idade de 1:11 formaram as primeiras 9 (nove) FEs, tendo cada FE

incluído o período de 1 mês, contando, cada uma, com os dados de 6 informantes; as crianças com idade entre 2:0 e 2:6 formaram as FEs de 10 a 13, tendo cada FE incluído o período de 2 meses, contando, cada uma, com 10 informantes.

Os dados foram todos transcritos foneticamente e, após, procedemos ao levantamento de todas as ocorrências do processo de semivocalização das líquidas que fazem parte da fonologia do PB, restringindo-se o estudo ao comportamento dessas consoantes em posição de *onset* simples de sílaba.

Subseqüentemente, passamos à análise dos dados, tomando como suporte teórico os pressupostos da Fonologia Autossegmental, particularmente a geometria de traços proposta por Clements & Hume (1995) e a Teoria da Sílaba referida por Selkirk (1982) e Clements (1990).

2. A descrição dos dados

Em resposta à pergunta proposta em (7a), os dados da presente pesquisa evidenciam que crianças brasileiras, durante o processo de aquisição fonológica, empregam glides em lugar de consoantes que constituem a classe das líquidas da língua – os registros apresentados no Quadro 1 revelam a aplicação da semivocalização às consoantes líquidas do PB. Quanto à pergunta (7b), também os dados mostrados no Quadro 1 revelam que as quatro líquidas que integram a fonologia do PB, até o seu emprego adequado pelas crianças durante o processo de aquisição da língua, sofrem o processo de semivocalização.

Quadro 1- A aplicação do processo de semivocalização por crianças brasileiras com idade entre 1:3 e 2:6

	Semiv. [j] / possib.	Semiv.[w] / possib.	Total de semiv. por segmento-alvo
/l/	55/662	7/662	62/662
/ʎ/	58/450	0/450	58/450
/r/	106/804	4/804	110/804
/R/	6/215	6/215	12/215
Total de semiv. [j] e [w]	225/2131	17/2131	242/2131

A observação do Quadro 1 ainda possibilita que se verifique que, dentre as líquidas da língua, a lateral /ʎ/ e a não-lateral /r/ são as que apresentam maiores índices de registro do emprego de glide em seu lugar.

Os dados apresentados no Quadro 1 também oferecem a resposta à questão proposta em (7c), referentemente ao emprego dos dois tipos de glide em lugar de líquidas durante a aquisição da fonologia do PB: embora o *corpus* estudado tenha apresentado casos do emprego tanto do glide [j] como do glide [w] em lugar de líquidas, o emprego do glide coronal [j] em lugar de consoantes líquidas é superior ao emprego do glide dorsal [w].

A partir dessa constatação, foi possível concluir, pelos dados mostrados no Quadro 1, dois fatos relevantes: (a) a líquida lateral /ʎ/ somente tem o glide [j] usado em seu lugar e (b) houve apenas 17 ocorrências do emprego do glide [w], em lugar de líquidas, em todo o *corpus* estudado.

Considerando-se essa realidade, procedemos ao levantamento de todos os casos de emprego do glide [w] e verificamos que seu emprego em lugar de líquidas é dependente do contexto, ou seja, somente é usado ao lado de uma vogal dorsal. Os exemplos em (8) confirmam tal afirmação.

(8)

<i>alô</i>	[a'wo]	<i>carro</i>	['kaw] ~ ['kawu]
<i>bola</i>	['bɔwə]	<i>cachorro</i>	[ka'ʃow]
<i>lá</i>	['wa]	<i>roda</i>	['wɔdə]
<i>embora</i>	[ĩm'bɔwə]	<i>agora</i>	[a'gɔwə]

Com esse resultado, pode-se afirmar que o glide coronal [j] é o caracterizador do processo de semivocalização durante a aquisição da fonologia por crianças brasileiras. Tal fato talvez possa ser atribuído ao ponto de articulação dos dois glides aqui referidos: tendo o glide [j] o ponto [coronal] e sendo esse o ponto de articulação considerado não-marcado nas línguas do mundo (Kager, 1999), esse é o escolhido, no processo de aquisição da fonologia do PB, para ser empregado em lugar de consoantes líquidas. Também poderia estar motivando o uso do glide [j] no processo de semivocalização de líquidas o fato de que, das quatro consoantes dessa classe no PB, três têm o ponto [coronal]: /l/, /ʎ/ e /r/. A líquida não-lateral /R/, na região em que foi coletado o *corpus* desta pesquisa, manifesta-se foneticamente como fricativa dorsal.

Buscando-se resposta para a questão proposta em (7d) – se o fato de a líquida estar em *onset* absoluto ou medial condiciona o emprego de glides em seu lugar –, fizeram-se os levantamentos, no *corpus* estudado, mostrados nos Quadros 2 e 3.

Quanto à posição de *onset* absoluto¹, os resultados revelaram as duas líquidas – /l/ e /R/ –, quando estão nessa posição silábica, raramente sofrem o processo de semivocalização; o Quadro 2 reflete tal fato. Na verdade, as pesquisas sobre aquisição da fonologia do PB têm apontado a tendência ao uso do zero fonético, nessa posição, em lugar dessas duas líquidas até que passem a integrar o sistema fonológico das crianças.

Quadro 2- A semivocalização de líquidas na posição de *onset* absoluto

	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10	F11	F12	F13	Total
	Semiv /poss	Semiv /poss	Semiv /poss	Semiv /poss	Semiv /poss	Semiv /poss	Semiv /poss	Semiv /poss	Semiv /poss	Semiv /poss	Semiv /poss	Semiv /poss	Semiv /poss	Semiv /poss
/l/	0/0	0/5	0/1	1/9	1/15	0/6	0/5	1/16	0/29	0/25	0/14	0/52	0/47	3/ 224
/R/	0/2	0/0	0/3	1/5	0/11	0/9	0/8	0/5	3/32	0/33	0/14	0/45	0/51	4/ 218

Com relação à posição de *onset* medial, os dados mostraram a aplicação do processo de semivocalização, com predominância do emprego de glides em lugar das líquidas /ʎ/ e /r/, como já tinha sido observado no Quadro 1, sendo que a maior incidência do processo foi verificado nas FEs 4 (idade: 1:6) e 8 (idade: 1:10). Os dados no Quadro 3 expressam esses resultados.

¹ As duas líquidas – /l/ e /R/ – são as únicas, dessa classe de consoantes, que, no sistema do PB, podem constituir *onset* absoluto.

Quadro 3- A semivocalização de líquidas na posição de *onset* medial

	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10	F11	F12	F13	Total
	Semiv /poss	Semiv /poss	Semiv /poss	Semiv /poss	Semiv /poss	Semiv /poss	Semiv /poss	Semiv /poss	Semiv /poss	Semiv /poss	Semiv /poss	Semiv /poss	Semiv /poss	Semiv /poss
/l/	0/5	1/6	0/4	10/ 19	4/38	1/12	6/27	6/55	4/95	4/43	2/44	8/ 123	16/ 191	62/ 662
/ʎ/	3/3	0/2	1/1	3/4	2/15	3/9	2/14	7/24	0/37	12/ 55	3/ 30	11/ 155	11/ 105	58/ 450
/r/	0/2	1/5	3/8	2/7	1/23	2/19	0/21	8/49	6/63	11/ 84	19/ 85	29/ 235	28/ 203	110/ 804
/R/	0/3	0/5	1/2	0/2	0/6	1/3	0/5	0/11	1/17	3/16	2/18	2/62	2/65	12/ 215

A resposta à questão (7e), relativa à motivação do emprego de glides em lugar de consoantes líquidas na fonologia de crianças em fase de aquisição do Português Brasileiro – se é silábica ou segmental – essa será apresentada a partir da análise dos dados estudados com base em modelos teóricos da fonologia.

3. Análise dos dados – a motivação do processo de semivocalização de líquidas na aquisição do PB

3.1 As líquidas e a estrutura silábica

Para respondermos à primeira parte da questão de pesquisa (7e) – se a motivação para a semivocalização das líquidas é silábica –, é indispensável salientarmos que, na constituição da sílaba como unidade integrante da fonologia das línguas, a ‘sonoridade’ se mostra como elemento fundamental. Assim, os estudos sobre sílaba, reconhecendo a relatividade desse parâmetro lingüístico, utilizam ‘escalas de sonoridade’, as quais atribuem graus de sonoridade a classes de segmentos, estabelecendo um ranqueamento, conforme o que se mostra em (9).

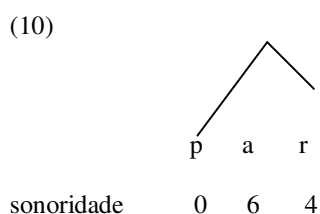
(9)

Escala de Sonoridade (Goldsmith, 1990)

<u>Tipo de segmento</u>	<u>Grau de sonoridade</u>
Plosiva	0
Africada	1
Fricativa	2
Nasal	3
Líquida	4
Glide	5
Vogal	6

Em todas as línguas do mundo, o núcleo silábico é sempre um pico de sonoridade e as suas bordas apresentam sonoridade decrescente. Com base nessa escala, Clements (1990) propôs um princípio, denominado ‘Ciclo de Sonoridade’, segundo o qual o perfil de sonoridade do tipo silábico preferido, ou seja,

não-marcado nas línguas apresenta um crescimento máximo de sonoridade do *onset* para o núcleo e um decréscimo mínimo do núcleo para a coda. Por esse princípio, a sílaba CVC representada em (10) mostra um ciclo de sonoridade ideal.



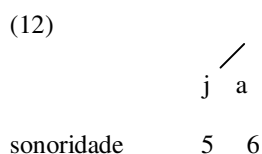
O Ciclo de Sonoridade é relevante na teoria fonológica por ser capaz de dar uma explicação uniforme para generalizações relativas a seqüências de segmentos que constituem sílabas em diferentes línguas.

Tomando-se a Escala de Sonoridade apresentada em (9) e analisando-se uma sílaba cujo *onset* seja uma consoante líquida, podemos ver, pela representação em (11), que não temos uma sílaba ideal, pois não há uma subida brusca de sonoridade do *onset* para o núcleo.



Talvez por estarem ferindo o ideal do princípio do 'Ciclo de Sonoridade', sílabas com líquidas na posição de *onset* sejam adquiridas mais tardiamente pelas crianças – e essa é uma tendência geral na aquisição de diferentes línguas do mundo.

Agora, se observarmos o que ocorre referentemente ao 'Ciclo de Sonoridade' quando as crianças empregam um glide em lugar de uma líquida, verificamos que a distância entre a sonoridade do *onset* e do núcleo ainda diminui mais, afastando a estrutura daquele tipo silábico do ideal reconhecido pelas línguas, segundo Clements (1990). Tal fato é mostrado na representação em (12).



Seguindo-se, portanto, os pressupostos da Teoria da Sílaba apresentados por Clements (1990), verificamos que uma sílaba com glide na posição de *onset* está mais afastada do ideal de tipo silábico do que uma sílaba cujo *onset* seja ocupado por uma consoante líquida.

Assim, podemos concluir que o emprego de glide em lugar de consoante líquida, durante o processo de aquisição da fonologia, não tem motivação na estrutura silábica – a motivação para o processo de semivocalização de líquidas deve ser de outra natureza.

3.2 As líquidas e sua estrutura interna

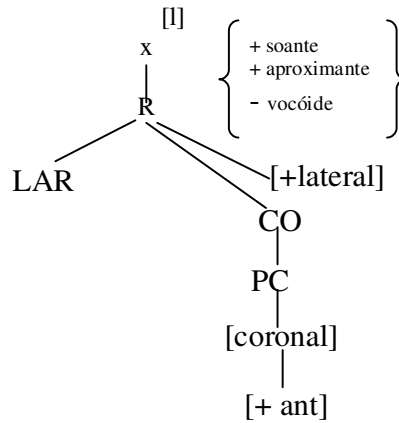
Para respondermos à segunda parte da questão de pesquisa proposta em (7e) – se a motivação para a semivocalização das líquidas é segmental –, precisamos considerar a estrutura interna dos segmentos.

Para tanto, fundamentamos nosso estudo na Fonologia Autossegmental, particularmente em Clements & Hume (1995), que propõem uma geometria de traços para mostrar que os traços que compõem os segmentos apresentam uma organização hierárquica.

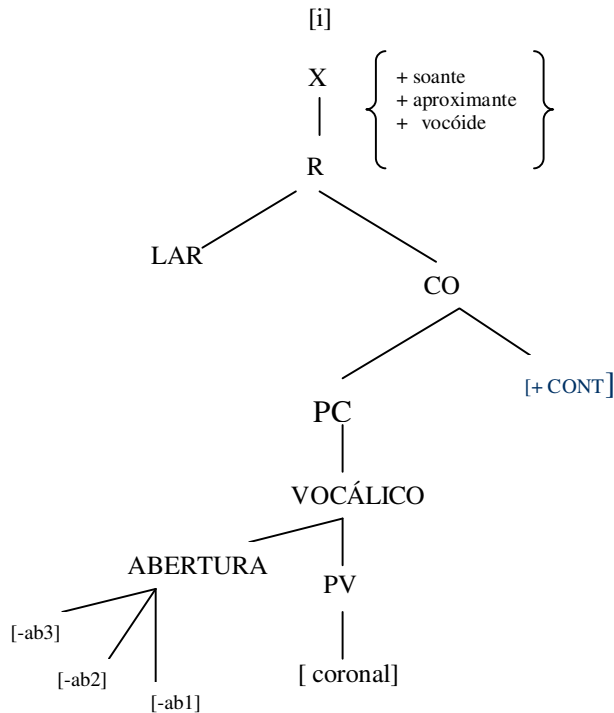
Com base nesse modelo teórico, exemplificamos a estrutura interna de segmentos com a líquida [l] (em (13a)) e do glide [j] (em (13 b)).

(13) Estrutura interna da líquida [l] e do glide [j]

(a)



(b)

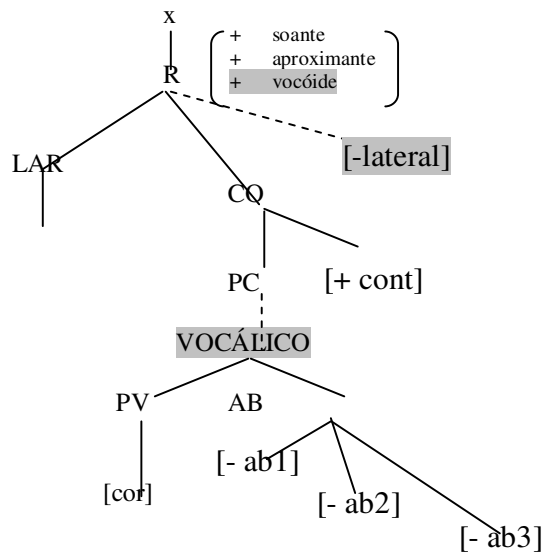


A partir das representações mostradas em (13) e retomando-se a variável que interfere no processo de aquisição da fonologia referida em (1a), podemos concluir ser natural o emprego de glides em lugar de líquidas, por serem segmentos que pertencem à mesma classe natural, ou seja, são segmentos que constituem a classe [+soante, +aproximante]. Esses dois traços, constitutivos da raiz dos segmentos, segundo

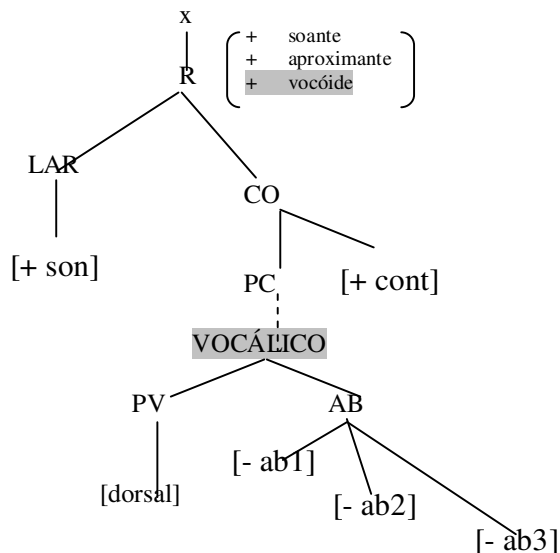
o modelo de Clements & Hume (1995), são compartilhados por líquidas e glides, e esse fato as enquadra em uma mesma classe natural.

Observando-se as estruturas mostradas em (13), verificamos também que o emprego de um glide em lugar de uma líquida implica a alteração de um outro traço da raiz do segmento (do traço [vocóide]), já que todas as líquidas apresentam, na raiz, a coocorrência de traços [+soante, +aproximante, -vocóide] e os glides, assim como as vogais, nesse modelo têm a coocorrência [+soante, +aproximante, +vocóide]. Portanto, a semivocalização de uma líquida faz com que o traço [-vocóide] passe para [+vocóide], além de outro ou outros traços. É o que vemos nas representações em (14) e em (15).

(14) [j] em lugar do alvo [l]



(15) Representação do emprego de [w] em lugar do alvo [R]



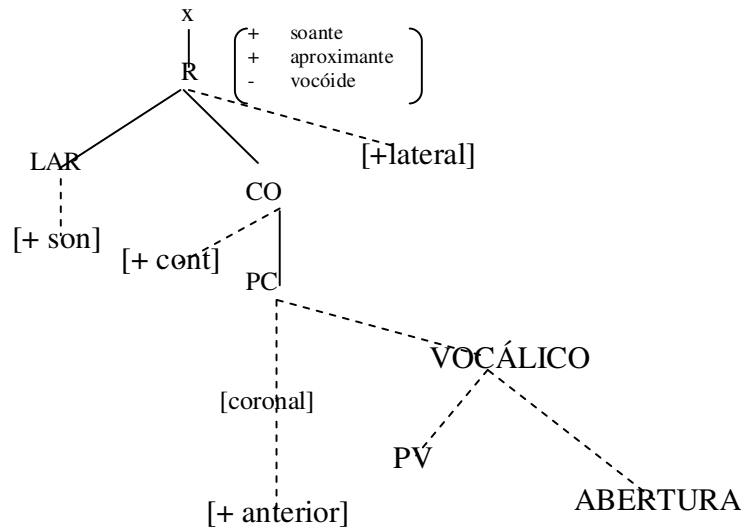
Observamos que, nas duas representações arbóreas em (14) e (15), no momento em que na raiz aparece o traço [+vocóide], por implicação, na geometria tem de aparecer o nó Vocálico, com seus

dependentes, o que também implica atribuir valor (+) ou (-) para todos os traços que inerentemente têm esse valor para vogais, como [+contínuo] e [-lateral], por exemplo. O resultado dessa operação é uma vogal – segmento não-marcado em relação a qualquer consoante –, sendo que esse elemento vocálico se transforma em glide unicamente por estar na periferia (e não no núcleo) da sílaba.

Os estudos em aquisição da fonologia revelam que os glides recorrentemente aparecem em lugar de consoantes líquidas, em diferentes línguas. O fato de glides aparecerem em lugar de líquidas e somente de segmentos dessa classe de consoantes pode ser indicativo de que, conforme já afirmou Matzenauer-Hernandorena (1996), potencialmente haja o nó Vocálico na geometria das consoantes líquidas, como decorrência da coocorrência, em sua raiz, dos traços [+soante, +aproximante], conforme já foi aqui referido. Há, inclusive, uma motivação fonética para tal fato, explicada por Cattford (1977) – para o autor, as aproximantes típicas são vogais fechadas, por permitirem a passagem do ar, sem turbulência, pelo canal articulatório, que é maior nas líquidas do que nas outras consoantes. Na verdade, tal fato torna líquidas e vogais fechadas extremamente semelhantes.

Assim, pela proposta de Matzenauer-Hernandorena (1996), a estrutura interna potencial das consoantes líquidas é a que aparece em (16). A partir desta estrutura, a lateral /l/ é a líquida considerada não-marcada.

(16) Estrutura potencial das consoantes líquidas

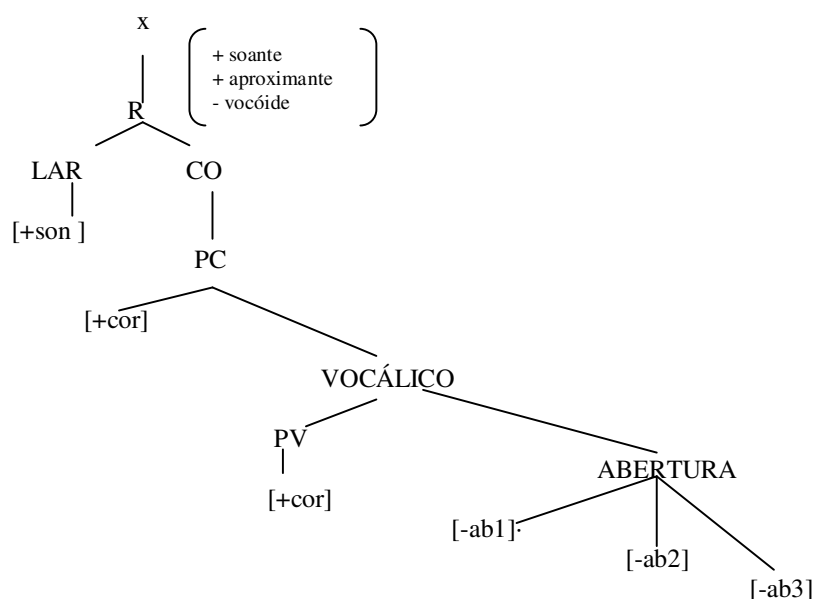


Portanto, os dados da aquisição do PB, em se considerando o processo de semivocalização, podem levar à postulação de um nó Vocálico potencial na estrutura das consoantes líquidas – a presença desse nó explicaria com facilidade o emprego de glides no lugar de consoantes dessa classe.

Vale ainda ressaltar que há autores² que defendem, com base nos pressupostos da Fonologia Autossegmental, que a líquida lateral /l/ é um “segmento complexo”, ou seja, possui uma articulação primária consonantal e uma articulação secundária vocálica – isso quer dizer que o nó Vocálico se manifesta efetivamente (e não apenas potencialmente) nessa lateral palatal; há os traços caracterizadores da vogal /i/ na estrutura interna da lateral /l/. A representação da estrutura interna dessa líquida aparece em (17).

² Entre os pesquisadores que defendem ser a consoante líquida lateral /l/ um segmento complexo estão, por exemplo, Wetzels (1992), Giangola (1994), Matzenauer-Hernandorena (1999).

(17) [ʎ]



Essa estrutura interna da consoante líquida /ʎ/ explica por que, no *corpus* desta pesquisa – conforme mostram os dados do Quadro 1 – há apenas o emprego do glide coronal [j] em lugar dessa líquida palatal, independentemente das vogais circundantes: é a manifestação do nó Vocálico que faz parte da estrutura interna desse segmento.

Pela análise aqui apresentada, podemos concluir, portanto, que a semivocalização das consoantes líquidas, durante o processo de aquisição da fonologia, tem motivação segmental.

4. Considerações finais

Respondendo às cinco questões de pesquisa propostas para este trabalho, podemos concluir que, no processo de aquisição da fonologia por crianças brasileiras, até o estágio em que há o emprego plenamente adequado de líquidas em *onset* simples de sílaba, inicial e medial de palavra, verificamos:

- que, em lugar das quatro líquidas-alvo que integram o sistema do PB, crianças brasileiras empregam glides em seu lugar, caracterizando o uso do processo de semivocalização durante o período de aquisição da fonologia da língua;
- que o processo de semivocalização das líquidas é natural, uma vez que glides e líquidas integram uma mesma classe de segmentos, ou seja, dos segmentos [+soante, +aproximante];
- que o glide coronal [j], em razão de seu ponto de articulação, é o segmento caracterizador do processo de semivocalização das líquidas durante a aquisição da fonologia por crianças brasileiras; o emprego do glide [w] é condicionado pela presença de uma vogal [dorsal];
- que o emprego de glide em lugar de líquida, no processo de aquisição do PB, ocorre com significativa preponderância quando o segmento-alvo ocupa a posição de *onset* simples de sílaba medial;
- que o emprego da semivocalização de líquidas, durante o processo de aquisição da fonologia da língua, não é uma questão silábica: sua motivação é segmental, isto é, tem condicionamento na estrutura interna que caracteriza essa classe de consoantes do sistema fonológico do PB.

RESUMO: Esse trabalho refere-se ao estudo da relação líquidas/glides manifestada no processo de semivocalização das quatro líquidas do Português Brasileiro - /l/, /ʎ/, /r/ e /R/. Esta pesquisa tem como alvo a

busca pela motivação desse processo durante a aquisição da linguagem: se ocorre por razão silábica ou segmental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CLEMENTS,G.N & HUME,E.V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH,J. (ed) *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell, 1995.
- CLEMENTS,G.N. Representational economy in constraint-based phonology. In: HALL,A. (ed) *Distinctive Feature Theory*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2001.
- COLLISCHONN,G. A sílaba em português. In: BISOL,L. (org) *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 3.ed. rev. e ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- FIKKERT,P. *On the Acquisition of Prosodic Structure*. Ph.D. Dissertation. University of Leiden, 1994.
- FREITAS,M.J. *Aquisição da estrutura silábica do Português Europeu*. Tese de Doutorado. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1997.
- INGRAM, D. *First Language Acquisition: method, description and explanation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- KAGER,R. *Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- MATZENAUER-HERNANDORENA,C.L. Relações implicacionais na aquisição da fonologia. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: PUCRS, v.31, n.2, p.67-76, 1996.
- MIRANDA,A.R.M. *A aquisição do “r”*: uma contribuição à discussão sobre seu status fonológico. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1996.
- SELKIRK, E. The syllable. In: HULST,H.V.D. & SMITH,N. (orgs) *The Structure of Phonological representations* (part II). Dordrecht: Foris, 1982.
- STOEL-GAMMON,C. & DUNN,C. *Normal and Disordered Phonology in Children*. Baltimore: University Park Press, 1985.